

**“LEVIANDADES” ELEITORAIS:  
a abertura das cortinas para um espetáculo misógino**

***ELECTION LEVITY:  
the curtain's opening to a misogynic show***

---

Elizabeth Christina de Andrade Lima\*

Rafael Maracajá Antonino\*\*

**Resumo**

O artigo problematiza a utilização do termo “leviana”, por ocasião dos debates para presidência da República ocorridos nas eleições de 2014 e apresenta alguns discursos de misoginia dirigidos à Presidenta Dilma no ciberespaço. O objetivo é destacar as eleições presidenciais por meio das narrativas dos candidatos que, ao acionarem, simbolicamente, as relações de gênero, buscam construir/desconstruir candidaturas. Refletimos, ainda, sobre como as redes sociais têm servido como um ambiente de construção de narrativas marcadas por estereótipos e por práticas de misoginia dirigidos ao gênero feminino.

**Palavras-chaves:** Misoginia. Campanha Eleitoral. Relações de Gênero. Ciberespaço.

**Abstract**

The article problematizes the use of the term fickle, during discussions for president in 2014 Brazil's elections and presents some speeches with misogyny directed to president Dilma on the cyberspace. The goal is to highlight the presidential elections with narratives of candidates, which by pointing out, symbolically, the gender relations, aim to construct/deconstruct candidacies. Reflecting as well, how the social network has served as an environment to construct speeches tainted by stereotypes and misogyny practices targeted to the feminine gender.

**Keywords:** Misogyny. Election Campaign. Gender Relations. Cyberspace

---

\* Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Brasil. E-mail: ecalima@terra.com.br

\*\* Mestrando em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Brasil. E-mail: rafmaracaja@hotmail.com

## Introdução

No dia 1º de janeiro de 2011, a primeira mulher presidenta do Brasil recebe a faixa presidencial, em evento realizado na capital federal. Dilma Vanna Rousseff (PT) foi eleita no segundo turno das eleições presidenciais de 2010, derrotando José Serra (PSDB), com quase 56 milhões de votos. Já em 2014, Dilma é reconduzida ao cargo. Com uma campanha marcada pelo acirramento, Dilma vence Aécio Neves (PSDB) com 54.501,118 milhões de votos contra 51.041,155 milhões de votos, entrando para a História como a representante de um projeto político que consegue sua quarta vitória consecutiva, acumulando sucessos, fracassos, enfrentamentos e o consequente desgaste do embate político.

Tão logo fora eleita a primeira mulher Presidenta do Brasil, no ano de 2010, em seu primeiro pronunciamento, disse Dilma Rousseff: “Gostaria muito que os pais e mães de meninas olhassem hoje nos olhos delas e lhes dissessem: SIM, a mulher pode!”. Sim, a mulher pode, mas não sabia ela que nem sempre é fácil ser mulher no “mundo da política” e de uma política marcada pelas práticas de sexismo e dominação masculina. Ao vencer as eleições, abre-se, invariavelmente, a expectativa de maior inserção das mulheres nos espaços de poder. No entanto, Dilma não governará com tranquilidade. O seu primeiro governo será marcado por dificuldades de relacionamento e convivência pacíficas, principalmente com o Congresso Nacional, mas ela tenta impor uma espécie de *modus operandi* de governar, mesmo sem o esperado apoio e popularidade.

Findo o período de seu primeiro governo, e chegado o período de novas eleições, Dilma é reconduzida ao cargo e reeleita em uma das campanhas mais acirradas e desrespeitosas da história recente da República. Sai vitoriosa, mas com a promessa muito clara da oposição, principalmente simbolizada pelo PSDB, e por Aécio Neves, de que envidariam esforços para enfraquecer politicamente a Presidenta.

Inicia-se, pós-eleição, todo um conjunto de manifestações, inclusive *pro-impeachment* da Presidenta eleita; milhares de pessoas em todo o Brasil marcam, principalmente via redes sociais, manifestações para criticar a Presidenta. Em algumas dessas manifestações, como a ocorrida em 13 de março de 2016, foi possível ler cartazes com frases, tais como: “Dilma biscatona veia”, “Balança que a quenga cai”, ou em páginas de redes sociais, como o *facebook*, intituladas: “Dilma Vadia”<sup>1</sup>, “Dilma sapatão”<sup>2</sup>, entre outras.

Um dos sentimentos que observamos ao analisar a construção da imagem pública da Presidenta, no espaço virtual, foi o de ódio, como uma espécie de motor das manifestações a ela dirigidas nas ruas e nas redes sociais. Obviamente, as

---

1 Ver perfil no *Facebook* disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/DILMA-VADIA/390752141045603?fref=ts>>. Acesso em: 31 maio 2015.

2 Ver perfil no *Facebook* disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Dilma-Sapatao/1393692150893618?fref=ts>>. Acesso em: 31 maio 2015.

estruturas de comunicação, particularmente a internet, trataram de dar visibilidade a tal sentimento portador de toda uma expressão de ressentimento, marcadamente de ódio misógino.

Por discurso e práticas misóginas entendemos toda e qualquer prática e/ou discurso que tenta desqualificar, estigmatizar, de maneira violenta, a mulher. Ou ainda, misoginia é a repulsa, desprezo ou mesmo ódio contra o feminino. Diríamos ainda que, para nós, misoginia é o estágio mais violento do sexismo, ou seja, de uma profunda dificuldade do gênero masculino em aceitar a participação e inclusão das mulheres, por serem femininas, em espaços e ações “tradicionalmente” classificados como sendo do masculino, dentre eles, a disputa por espaços de poder. A misoginia, igualmente, utiliza-se de atributos por meio de práticas naturalizadas no seio da sociedade.

Dentro desse contexto, e voltando um pouco no tempo, vamos observar que tais construções misóginas se propagam muito antes do próprio governo Dilma; durante suas duas campanhas eleitorais, em 2010 e 2014, a tentativa de desconstrução de Dilma como *persona*, por meio de discursos e imagens misóginas é uma constante. Tomando como caso para análise um dos embates eleitorais, PT *versus* PSDB, Dilma *versus* Aécio, no primeiro debate eleitoral do segundo turno, realizado e transmitido pela Rede Bandeirantes, no dia 14 de outubro de 2014<sup>3</sup>, o uso recorrente do termo “leviana” deve ser considerado um interessante marco na nossa história política. O ataque de que Dilma seria leviana representou, para nós, a reprodução da misoginia naturalizada no cotidiano social, inferiorizando as mulheres como forma de garantir a proeminência do masculino no debate político.

Assim, de forma performática, o candidato Aécio Neves (PSDB) dirigiu-se algumas vezes às candidatas Dilma Rousseff e Luciana Genro (PSOL), que disputaram o pleito, auxiliado por uma postura machista, impondo-se, demarcando um terreno – o território –, demonstrando a força do masculino na arena política, atribuindo sentido pejorativo à nomenclatura em análise.

Com base no exposto, objetivamos contextualizar os embates ocorridos entre Dilma e Aécio por ocasião de alguns debates televisivos, bem como trazer para discussão algumas postagens compartilhadas nas redes sociais, nas quais se tenta desconstruir a imagem de Dilma por meio de discursos misóginos.

Alguns elementos ilustram nossa abordagem, o fortalecimento do ciberespaço<sup>4</sup>, atrelado às tensões ideológicas, vem expondo sentimentos e valores difusos no universo cultural brasileiro. No campo político, de maneira macro,

---

3 Os debates ocorridos transmitidos pelos meios de comunicação, no primeiro turno das eleições, foram: Bandeirantes, 26/08/2014; SBT, 01/09/2014; Record, 28/09/2014; TV Aparecida, 16/09/2014 e Globo, 02/10/2014. No segundo turno aconteceram 4 debates: Bandeirantes, 14/10/2014; SBT, 15/10/2014; Record, 19/10/2014 e Globo, 24/10/2014.

4 O ciberespaço aqui é abordado como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 94). Um modelo dialógico, comunitário, transversal e recíproco, no qual os diversos atores cumprem os papéis de emissor e receptor simultaneamente.

dimensionamos o processo com as eleições que envolvem a presidenta nos anos de 2010 e 2014, mas colocamos como foco principal seu processo de reeleição, pontualmente o segundo turno, momento em que ela é acusada de ser *leviana* por seu adversário, modificando, nessa circunstância, alguns aspectos do jogo eleitoral.

Por isso, algumas problematizações são inerentes, tais como: qual o sentido em Aécio chamar as mulheres adversárias de levianas? Por que um termo usado constantemente para desvalorizar o feminino tem um impacto diferenciado na corrida eleitoral? Como um candidato conseguiu usar de forma tão “natural” algo que dimensiona o lugar da mulher em nossa sociedade e, conseqüentemente, na política? E como Dilma se aproveitou desse fato para fortalecer a sua campanha?

Por último, apresentamos alguns discursos extraídos das redes sociais que não só caracterizam o caráter misógino da cultura e sociedade brasileiras, mas igualmente o machismo, o sexismo e os estereótipos dirigidos ao feminino, e como todas essas práticas têm servido para desconstruir, desrespeitar e achincalhar não só Dilma, mas todas as mulheres.

### **Relações de Gênero, Misoginia e a Disputa das Mulheres por Espaços de Poder**

A discussão sobre gênero perpassa várias perspectivas. Independentemente do caminho apontado, é de fundamental importância dimensionar o posicionamento do tipo de construção, problematização, definindo o lugar teórico de onde estamos fazendo a abordagem. Nesse sentido, devemos evidenciar o caráter polissêmico do conceito de gênero (CONNELL, 2015). Todavia, a perspectiva de uma construção do masculino e feminino vem se tornando elemento fundante para a compreensão desse recorte, negando essencialidades naturalizantes, pondo o foco no caráter eminentemente social.

Ao observarmos relações sociais e políticas problematizadas por essa óptica, encontramos os caminhos traçados pela categoria analítica (SCOTT, 1995), significando historicamente, com recortes e abordagens através dos pilares substantivos para a compreensão das relações humanas. Para isso, Joan Scott (1995) destaca a necessidade de uma explicação significativa, colocando o lugar do feminino na vida social como algo atrelado ao sentido que suas atividades adquirem através das interações. Ou seja, a abordagem deve ser focada na construção de sentidos, colocando no mesmo patamar o sujeito individual e a organização social, formatando um universo no qual devemos articular a natureza das suas interpretações.

Conseqüentemente, ao definir e desenhar os pilares categóricos, Scott aborda dois eixos de análise. No primeiro, gênero é entendido como um elemento constitutivo das relações sociais, sendo baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; no segundo caminho, esse recorte é posto como a forma primeira de significar as relações de poder, assim, “as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção dessas mudanças não segue necessariamente um sentido único”. (SCOTT, 1995, p. 21).

Nesse meandro, o poder é apresentado como algo central na discussão

(SCOTT, 1995, SAFFIOTI, 2005), principalmente quando problematizamos as relações sociais buscando encontrar caminhos no processo de empoderamento, ocupação de espaços e pertencimento das mulheres. Assim, podemos usar gênero para significar essas relações, destacando sua articulação e colocando-a no centro da organização social, como igualmente o termo misoginia cabe no contexto dessa discussão. A misoginia é um aspecto central e violento, em suas várias acepções, do preconceito contra as mulheres, manifestando-se e sendo instrumentalizado por diversas práticas e discursos, sobretudo de ódio. Assim, de forma concreta, a desvalorização da figura feminina se espalha pelo corpo social através de uma gama múltipla de ações que facilitam o processo de naturalização de hierarquias sociais – o humor e a pornografia são exemplos corriqueiros dessa construção simbólica.

Segundo o sociólogo e autor do *Dicionário de Sociologia*, Allan G. Johnson, “a misoginia é uma atitude cultural de ódio às mulheres porque elas são femininas”, e ainda:

A (misoginia) é um aspectos central do preconceito sexista e ideológico, e, como tal, é uma base importante para a opressão de mulheres em sociedades dominadas pelo homem. A misoginia é manifesta em várias formas diferentes, de piadas, pornografia e violência ao auto-desprezo que as mulheres são ensinadas a sentir pelos seus corpos. (JOHNSON, 2000, p. 316).

A “crise” simbólica identitária de gênero que sofrem as mulheres pode ser ilustrada quando está em jogo à disputa por espaços de poder. O advento da participação de mulheres na política suscita algumas particularidades e questionamentos que merecem e necessitam de problematização e investigação científica (PINTO, 2014). A trajetória enfrentada por mulheres para conquistar o espaço público e deixar a condição de mulher restrita à esfera privada e do lar, as formas e meios de inserção por elas utilizados para adentrarem tais espaços, as dificuldades, obstáculos e preconceitos ainda enfrentados para a instituição de posições na prática política, a relação entre a “condição de gênero” e a política, o fato de, apesar dos avanços e conquistas, a presença das mulheres nesses espaços de poder e decisão ainda representar números de pouca expressão, e a conseqüente não esperada eficácia da Lei de Cotas, são alguns dos aspectos observados, questionados e discutidos, no que se refere à participação de mulheres na vida pública e política.

Pensar sobre tal participação pressupõe, ainda, nos termos de Irllys Barreira, um conjunto outro de experiências e elementos próprios da construção da imagem pública e pessoal, que invariavelmente será observado pelo eleitor, quando estão em cena candidaturas femininas:

Tomar as candidaturas de mulheres como objeto de uma construção é pensá-las como produto de uma série de injunções estratégicas capazes de produzir diferentes imagens no espaço público. A difusão de valores que acompanham o perfil das candidatas, a apresentação de uma “história pessoal e política”, o aprimoramento de gestos e a configuração de estilos são pontos que fazem das candidaturas um processo de investimento, assegurado, sobretudo, pela presença de especialistas diferentes (BARREIRA, 1998, p. 131-132).

As mulheres, ao adentrarem no cenário político, necessitam (re)afirmar valores morais, sociais e éticos mais do que os homens, já que estes desfrutam “naturalmente” de um “direito político” pelo fato de serem homens. As mulheres, desde o nascimento, são educadas e direcionadas a uma atuação na esfera privada, cuidados com a casa, irmãos, marido, filhos e a uma posição de recato e obediência aos seus “tutores”, representados por uma figura masculina.

Sob esse ponto de vista, as mulheres, ao disputarem um cargo público, acabam sendo conduzidas à manutenção e preservação desses valores. A candidata deve apresentar-se como uma boa esposa, dona de casa e mãe de família. Fugir a essas regras e valores parece ter peso fundamental no que se refere à sua escolha como candidata. Sobre isso, Goffman (1963) nos pontua que “os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que tem probabilidade de serem neles encontrados.” (GOFFMAN, 1963, p. 5).

O direcionamento de estigmas e estereótipos às mulheres políticas tem se mostrado uma prática recorrente. Os espaços de poder parecem ainda ser negados às mulheres, que devem se conformar com os papéis socialmente atribuídos a elas, aqueles referentes aos cuidados com os filhos, marido e com a casa. É nesse contexto de um sistema patriarcal, sexista e estruturado numa divisão sexual do trabalho, que as mulheres, apesar de sua constante presença nesses espaços, continuam a enfrentar diversos obstáculos e estigmas quanto à sua legitimação num cargo público:

As mulheres estão habituadas à exigência de superqualificação, imposta aos integrantes de grupos subalternos que ingressam em espaços privilegiados. Elas sabem, ainda que de forma intuitiva, que lhes é cobrada uma competência superior para que possam exercer tais funções (MIGUEL; BIROLI, 2011, p. 94).

A ocupação por mulheres da vida política informal ou institucional tem sido compreendida pelos que se dedicam a essa temática – os intelectuais e o movimento feminista principalmente – como um processo de transformação que transcorre entre o silêncio e a voz (PINHEIRO, 2007). Ou seja, há um entendimento de que a não participação feminina nas esferas de poder caracteriza a incompletude da Democracia Representativa.

No campo do gênero, os sujeitos pertencentes à estrutura social posta, têm liberdade quase absoluta, desfrutam de autonomia, são dominantes nos espaços públicos e de decisão, não necessitando submeter-se a uma outra categoria de gênero para realizar seus projetos, seus desejos. Já as mulheres, também como sujeitos pertencentes à estrutura social vigente, precisam solicitar autorização à “primeira” categoria. Isso implica afirmar que se a autonomia, o poder de decisão e a maior ocupação de espaços privilegia apenas uma categoria social de gênero, fica patente a hierarquia e a desigualdade.

A categoria de gênero pode ser entendida como elemento essencial para compreender as formas de entrada das mulheres na política e os papéis por elas desempenhados quando se estabelecem nesse meio. Permite-nos, ainda, entender algumas peculiaridades referentes à relação entre mulheres e a prática política.

Barbosa (2008) compreende a exclusão social e política da mulher na esfera

pública pela dimensão relacional, na qual homens e mulheres não se reconhecem como pares, mas como superiores e inferiores. “A invisibilidade política ou não presença provém da dimensão intrínseca de relações de domínio e subordinação, portanto de relações de gênero.” (BARBOSA, 2008, p. 1).

Analisar a participação das mulheres nos espaços de poder implica diretamente uma reconstrução histórica, social e cultural da própria política brasileira. Necessário se faz notarmos que a ascensão delas ao meio político configura uma trajetória do espaço privado ao espaço público (COELHO; BAPTISTA, 2009).

Nesse sentido, a carreira política das mulheres torna-se reconhecida e se legitima a partir, por exemplo, da exaltação de certos “atributos e valores femininos” como uma “condição” de uma sociedade pautada na reprodução e persistência do papel tradicional da mulher: mãe, esposa, dona de casa, cuidadora, abnegada, frágil, generosa. Dessa forma, as mulheres se lançam nos espaços de poder a partir da constituição de imagens públicas de mulheres competentes, independentes e, sobretudo, de detentoras de um diferencial no que se refere ao padrão de gestão masculino. Segundo Miguel e Biroli (2011), as mulheres se utilizam do chamado “pensamento maternal” ou “política do desvelo”; “devido à socialização diferenciada por que passam as mulheres engendraria uma sensibilidade e um julgamento moral específicos, opostos aos masculinos dominantes”. (MIGUEL; BIROLI, 2011, p. 78). Além de utilizarem, ainda, como estratégia de campanha e convencimento de adesão, valores e atributos que transitam nos espaços sociais, associando e identificando as mulheres aos signos e estereótipos culturalmente criados e aceitos.

### **O espetáculo misógino da política**

Essa digressão teórica demonstra como podemos mudar as lentes focais ao observar determinadas relações de poder, colocando novos filtros através do conceito analítico de gênero, problematizando “velhas” dinâmicas eleitorais, agora, para evidenciar invisibilidades e dimensionar o foco de determinados espetáculos. A existência, no centro da arena política brasileira, de discursos misóginos é reflexo e facilitou a abertura das cortinas do universo machista de nossa sociedade, exacerbando valores que já estavam presentes culturalmente, mas que passaram a integrar de forma primordial o cotidiano dos debates, nos diversos recortes.

Adentrando nos fatos relacionados às eleições de 2014, o primeiro ponto que merece destaque é a construção política da imagem pública da então candidata à reeleição, Dilma Rousseff (PT). Nesse aspecto, a imagem de uma mulher forte ao lado da figura maternal traduz um feminino que transita entre os mundos segmentados pela perspectiva binária, ou seja, sem enquadramentos precisos no nosso sistema de classificação e significação dos papéis sociais de ser homem ou mulher.

O *jingle* oficial de campanha, denominado “Coração Valente”<sup>5</sup>, produzido pela equipe do publicitário João Santana, sintetiza o perfil construído para Dilma ao longo da campanha eleitoral, uma mulher em sua forma substantiva, mas que carrega os adjetivos masculinos de firmeza, dureza e racionalidade. Ensina-nos Barreira (1998):

[...] substantivos como fortaleza, coragem, garra, força, e adjetivos como guerreira, destemida são comumente usados em *slogans* ou músicas de campanha. Isso revela que mulheres portadoras de atributos do mundo “masculino” estão aptas a ingressar na política, ou melhor, até mais preparadas em razão do acréscimo de outras qualidades (BARREIRA, 1998, p. 106-107).

Os debates televisivos (WEBER; ABREU, 2010) ocuparam posição central por ocasião da campanha de 2014; o termo *leviana* passa a ser algumas vezes usado pelos adversários e tal uso começa a impactar a disputa eleitoral.

Ainda no primeiro turno, no último debate televisivo realizado pela Rede Globo, os candidatos Aécio Neves (PSDB) e Luciana Genro (PSOL) colocaram em evidência a palavra *leviana*. Chamado de “fanático das privatizações e da corrupção” pela candidata do PSOL, o tucano levantou o dedo e chamou a adversária de *leviana* e despreparada para disputar a Presidência. Assim se dirigiu Aécio à candidata Luciana:

Luciana não seja *leviana*, você esta aqui como candidata a Presidente da República, sem conhecer do que está falando. No meu governo todas as obras públicas foram feitas pra atender a população de meu Estado, todas elas aprovadas pelo Ministério Público [...] Acusações *levianas* em véspera de eleição não servem a um debate deste nível. Lamentavelmente você não está preparada para disputar a Presidência da República (Transcrição a partir de vídeo, grifos nossos).<sup>6</sup>

Todavia, é só no segundo turno, com a disputa polarizada entre Aécio Neves (PSDB), representante de uma direita conservadora, e Dilma Rousseff (PT), que aglutina forças de esquerda, que assistimos, de forma mais recorrente, o confronto entre os candidatos, tanto em relação aos protagonistas da disputa quanto ao eleitorado, fortemente dividido. No que diz respeito à simbologia de gênero, Aécio

5 “Dilma, coração valente, força brasileira, garra desta gente. / Dilma, coração valente, nada nos segura pra seguir em frente / Você nunca desviou o olhar do sofrimento do povo / Por isso, eu te quero outra vez / Por isso, eu te quero de novo / Você nunca vacilou em lutar em favor da gente / Por isso eu tô juntinho, do seu lado / Com você e Lula pra seguir em frente / Mulher de mãos limpas (tô com você) / Mulher de mãos livres (tô com você) / Mulher de mãos firmes vamos viver uma nova esperança / Com muito mais futuro e muito mais mudança / Dilma, coração valente, força brasileira, garra desta gente / Dilma, coração valente, nada nos segura pra seguir em frente O que tá bom, vai continuar / O que não tá, a gente vai melhorar, Coração valente.” (Autor: Anderson Freire)

6 O vídeo original encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QOwwIQLt0kU>.

representa a figura do masculino, do homem forte, combativo, corajoso e audacioso, enquanto Dilma transita entre os papéis de mulher forte, combativa e guerreira e o de mulher, mãe e avó. Nesse caso, Dilma constrói uma imagem “em conflito” em relação ao que se espera da identidade de gênero feminino.

O espaço televisivo dos debates entre os candidatos, unido às redes sociais, transforma-se em interessante campo para a análise sócio-antropológica. O primeiro dos encontros foi realizado pela Rede Bandeirantes de Televisão, no dia 14 de outubro de 2014. Nesse confronto, Aécio, ao ser questionado por sua adversária sobre a construção de um Aeroporto na cidade de Cláudio – MG, em terras de sua família, reage acusando Dilma de ser leviana; assim se pronunciou no debate o candidato Aécio:

Eu quero responder a candidata Dilma olhando nos seus olhos, a senhora esta sendo *leviana* candidata, *leviana*. O Ministério Público Federal atestou a regularidade desta obra, eu tenho que agradecer a oportunidade de poder falar sobre isso, eu fiz milhares de obras no meu governo, todas elas atestadas como obras corretas [...] Essa obra de Cláudio que a senhora insiste em repetir, inclusive de forma também leviana na sua propaganda eleitoral, tanto que o TSE a retirou do ar, foi uma obra feita em uma terra desapropriada em desfavor de um tio avô meu, para beneficiar uma região próspera, onde estão mais de cento e cinquenta indústrias (Transcrição de vídeo, grifos nossos).<sup>7</sup>

Astutamente, a campanha de Dilma Rousseff vai explorar o uso raivoso, enfático e até machista, por Aécio, do termo leviana, com vistas a tirar dividendos políticos. A primeira providência tomada diz respeito a um pronunciamento da Presidenta, quando afirma esperar que no próximo debate a ser realizado pela TV Record não se repitam os ataques ocorridos nos debates anteriores, e que integra a reportagem de Talita Fernandes (19/10/2014):

É do meu interesse discutir propostas [...] É melhor que não haja (clima de ataques). Quando um não quer dois não brigam. Agora é impossível escutar agressões, preconceitos e desrespeito sem responder, principalmente no quadro eleitoral.

Acrescenta a matéria:

Em entrevista coletiva em São Paulo, pouco antes de participar do debate, Dilma fez críticas ao seu adversário, dizendo que ele a desrespeitou ao chamá-la de leviana. [...] Ela classificou o comportamento do candidato do PSDB como “*uma ação grave para uma mulher*”, lembrando o debate da TV Globo no primeiro turno, quando Aécio apontou o dedo para a candidata do PSOL, Luciana Genro, e a chamou de *leviana*, palavra que repetiu para Dilma na última quinta. “Ele chamou nós duas de *levianas*. É disso que ele

---

<sup>7</sup>O vídeo original encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-pKQKr66GYs>>.

está querendo nos processar? Ele se processa a si mesmo, porque quem nos chamou foi ele. Tem de aprender a respeitar as mulheres. Com mulher não pode ser assim. Nós não temos esse comportamento”, disse, respondendo a fala do tucano, que disse que iria processar Dilma pelas acusações (FERNANDES, 19/10/2014).

As acusações mencionadas por Aécio dizem respeito à tentativa da Presidenta de desqualificá-lo como alguém que não respeita as mulheres. Essa estratégia da campanha de Dilma acaba sendo bastante eficaz, porque consegue centralizar a discussão do “desrespeito” não em relação à candidata Dilma, mas, sim, a todas as mulheres, ou seja, o intento foi fazer com que, simbolicamente e de forma prática, as mulheres se sentissem igualmente atingidas e desrespeitadas, como se sua honra e moral tivessem sido também atingidas.

No dia 23 de outubro de 2014 circula na *Folha de S. Paulo* a notícia de que a candidatura de Dilma crescera depois dos ataques de Aécio a ela. A pesquisa Datafolha aponta que Dilma subiu de 42% para 47% enquanto Aécio caiu de 46% para 41% no eleitorado feminino.

Assim, podemos ler o seguinte discurso no jornal *Folha de S. Paulo* (23/10/2014):

Os petistas afirmaram ter pesquisas internas mostrando que a palavra leviana foi considerada muito agressiva, principalmente entre as camadas mais humildes. Diante do resultado, o PT montou uma operação nas redes sociais e em eventos públicos para tentar colar o rótulo de agressivo ao adversário do PSDB.

Ainda com relação a essa matéria, merece destacarmos o uso político que o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva faz desse acontecimento, buscando colar, de maneira contundente, a imagem de Aécio a uma pessoa misógina:

O ex-presidente Lula acusou Aécio de ser grosseiro com Dilma durante atividades de campanha no segundo turno. No último dia 18, em um comício em Belo Horizonte, o petista afirmou: “seu negócio com mulher é partir pra agressão, partir pra cima agredindo”. Lula saiu em defesa de Dilma ao dizer não saber se Aécio “teria coragem de ser tão grosseiro se o adversário dele fosse um homem” (FOLHA DE S. PAULO, 23/10/2014).

Vitimar a Presidenta e sair em sua defesa, assumindo o papel de uma espécie de “companheiro protetor”, é a estratégia utilizada por Lula para buscar a simpatia do eleitorado feminino, acreditando que este pode se solidarizar com a candidata por se identificar com o gênero feminino.

Essa espécie de “guerra de gêneros” ganha um novo capítulo quando da realização de um outro debate, no dia 16 de outubro, promovido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Sem dúvida, esse encontro teve como marca a tensão, com diversas acusações mútuas entre os candidatos e o uso recorrente do ataque, no intuito de desestabilizar “o outro”. Todavia, a queda de pressão da presidentia, durante

entrevista ao vivo, posterior ao embate, foi a principal notícia na mídia nacional<sup>8</sup>.

No caso em tela, surgiu a notícia de que, tão logo foi encerrado o debate, a candidata Marina teria ligado para Aécio e este teria caçoado da candidata por esta ter sofrido uma queda de pressão, e que tal fato se deu em virtude de ela não ter suportado a pressão no confronto com seu opositor<sup>9</sup>.

O ambiente nas redes sociais, nas ruas, e presente nas falas e nas atitudes das pessoas em relação à Presidenta, coloca o fato de ser mulher de forma depreciativa, como algo que antecede outras dimensões da discussão política, é o que veremos abaixo.

### **O ciberespaço e a Misoginia dirigida à presidenta Dilma Rousseff**

Putá, piranha, vadia, vagabunda, quenga, rameira, devassa, rapariga, biscate, piriguete. Quando um homem odeia uma mulher – e quando uma mulher odeia uma mulher também – a culpa é sempre da devassidão sexual. Outro dia um amigo, revoltado com o aumento do IOF, proferiu: “Brother, essa Dilma é uma piranha”. Não sou fã da Dilma. Mas fiquei mal. Brother: a Dilma não é uma piranha. A Dilma tem muitos defeitos. Mas certamente nenhum deles diz respeito à sua intensa vida sexual. Não que eu saiba. E mesmo que ela fosse uma piranha. Isso é defeito? O fato dela ter dado pra meio Planalto faria dela uma pessoa pior? [...] Baranga, tilanga, canhão, dragão, tribufu, jaburu, mocreia. Nenhum dos xingamentos estéticos tem equivalente masculino. Nunca vi ninguém dizendo que o Lula é feio: “O Lula foi um bom presidente, mas no segundo mandato embarangou.” Percebam que ele é gordinho, tem nariz adunco e orelhas de abano. Se fosse mulher, tava frito. Mas é homem. Não nasceu pra ser atraente. Nasceu pra mandar. Ele é xingado. Mas de outras coisas. Filho da puta, filho de rapariga, corno, chifrudo. Até quando a gente quer bater no homem, é na mulher que a gente bate. A maior ofensa que se pode fazer a um homem não é um ataque a ele, mas à mãe – filho da puta – ou à esposa – corno. Nos dois casos, ele sai ileso: calhou de ser filho ou de casar com uma mulher da vida (DUVIVIER, 06/01/2014).

Propositadamente, tomamos de empréstimo o discurso acima descrito porque acreditamos que ele expressa muito bem o dilema, para não dizer o drama, da sociedade brasileira quando a questão é a disputa por espaços de poder, particularmente o político e seu recorte de gênero.

O nosso intento é construir a ideia de que Dilma tem sido sucessivas vezes exposta a toda sorte de práticas de ódio, de misoginia e de expressões de desrespeito pelo fato de ser mulher. O que se questiona nas frases de efeito propaladas por vozes ou escritas por mentes e mãos raivosas não é absolutamente o seu governo e as ações

---

8 Disponível em: <<http://tvuol.uol.com.br/video/dilma-rousseff-passa-mal-ao-dar-entrevista-ao-vivo-apos-debate-04024C9B3570CC915326/>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

9 Ver matéria de Paulo Henrique Amorim disponível em: <<http://www.conversaafiada.com.br/brasil/2014/10/17/machao-debocha-da-hipoglicemia-da-dilma>>. Acesso em: 28 maio 2015.

de seu governo, mas ela como *persona* feminina, coo mulher que “ousa” ocupar um espaço que não é “legitimamente seu”, um espaço que ela usurpou, mesmo tendo sido, paradoxalmente, eleita pelo voto popular.

As *performances* de ódio, os gestos de empunhar cartazes, escritos em caixa alta, expressando palavras de ordem contra a Presidenta, as palavras formando frases de efeitos no *ciberespaço* para igualmente a desqualificar, são, antes de qualquer coisa, “ação simbólica” que ganha aderência na relação direta, por meio da qual são adotadas por uma determinada coletividade.

Mas todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emiti-los, mas é preciso só porque todo o grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica (MAUSS, 1979, p. 153).

No jogo de abertura da Copa do Mundo, realizado no Brasil, em junho de 2014, a Presidenta Dilma, ao ser anunciada no Estádio, recebeu de parte da “torcida” um sonoro “vai tomar no cú”. Tal xingamento não é somente uma demonstração isolada de misoginia; desde que assumiu a presidência, Dilma tem sido alvo de todo tipo de manifestação preconceituosa, desde críticas ao seu guarda-roupa ou cabelo passando por formas pouco educadas de se referir a uma chefe de Estado. Ademais, Carla Rodrigues, em seu texto “A difícil tarefa de reagir a misoginia”, acrescenta:

São de uso comum expressões como “a mulher”, “a dona”, “a patroa”, modos naturalizados de se referir às mulheres como donas de casa, e forma de reduzir a importância da figura da Presidente da República. E não apenas entre os pouco escolarizados, como o porteiro que um dia desses dizia que estava tudo uma grande bagunça porque tinha uma mulher na presidência, mas também em episódios recentes em que um economista fez uma palestra pública para uma plateia majoritariamente feminina durante a qual só se referia à Dilma como “a mulher”.<sup>10</sup>

Assim que seu nome foi cotado para a disputa eleitoral, no ano de 2010, diversas críticas foram feitas pela imprensa sobre seu possível “temperamento forte”. A polêmica de que até mesmo ministros teriam se queixado ao Presidente Lula quando Dilma era Ministra da Casa Civil, reforçou a representação de “mandona”. Para dirimir essas avaliações sobre o seu “jeito de ser”, a candidata, em entrevista ao *Correio Braziliense*, em 10 de maio de 2009, assim se expressou:

10 Disponível em: <<http://carlarodrigues.uol.com.br/index.php/2798>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

Eu faço o seguinte: não exijo de ninguém o que eu não dou [...] Numa equipe, cada um tem de fazer o seu papel. Se me cabe fazer a coordenação, eu cobro prazo, realização e também presto contas [...] Isso é princípio elementar de trabalho em grupo.<sup>11</sup>

Ao ser entrevistada pelo jornal *The Washington Post*, no dia 25 de junho de 2015, a Presidenta Dilma Rousseff afirmou crer que muito do que tem sofrido, em termos de críticas ao seu governo, passa por um recorte e preconceito de gênero. Ao ser indagada sobre seu estilo de *micromanager*, ou seja, de chefe controladora ou centralizadora, ela assim se manifestou:

“Alguma vez você já ouviu alguém dizer que um presidente do sexo masculino coloca o dedo em tudo? Eu nunca ouvi falar disso”, comparou. “Eu acredito que há um pouco de preconceito sexual ou um viés de gênero. Sou descrita como uma mulher dura e forte que coloca o nariz em tudo e estou cercada de homens meigos”, contestou (BRASIL 247, 26/06/2015).

Ainda a respeito de seu suposto “gênio forte” e das especulações acerca de sua vida amorosa, algo bastante vasculhado por seus adversários, Dilma asseverou, durante a campanha de 2010:

O preconceito no Brasil é uma coisa engraçada. Por exemplo, você estava falando dessa mulher dura, mandona. Você já viu algum homem ser chamado de mandão e durão? Eu fico sempre intrigada por que os homens são sempre meigos, bonzinhos, delicados. Outro dia, o Paulo Bernardo (ministro do Planejamento) ria muito porque ele falou que é o meigo-mor. Eu nunca vi, no Brasil inteiro, dizer que havia um homem duro. Outra coisa que achei interessante foi à investigação da minha vida amorosa. Cheguei à conclusão de que sou a única pessoa que tem vida amorosa no País. (Trecho de entrevista de Dilma postado no *Blog da Dilma*).

A mulher que, na disputa por espaços de poder, particularmente no ambiente da política, ousa ser incisiva ou ter pulso forte; a mulher que reivindica seu espaço num meio masculinizado como a política, sofre tentativas de silenciamento. Um exemplo recente que retrata muito bem essa tentativa de silenciamento foi protagonizado pela Deputada Federal Jandira Feghali (PCdoB) que, durante discussão das Medidas Provisórias nº 664 e 665, em maio de 2015, foi agredida fisicamente pelo Deputado Federal Roberto Freyre (PPS) e verbalmente pelo também Deputado Federal Alberto Fraga (DEM) que, em uma atitude extremamente machista e com a intenção de desqualificá-la, afirmou diante de todo o Congresso Nacional: “a mulher que participa da política como homem e fala como homem

<sup>11</sup> Este mesmo trecho foi posteriormente publicado no *Blog da Dilma*, perfil no *Facebook*.

também tem que apanhar como homem”. Outro exemplo disso é como várias pessoas que fazem oposição ao PT chamam tanto Lula quanto Dilma de “ladrões”. Mas, não sem coincidência, somente Dilma tem sua sexualidade questionada (talvez por não se encaixar no modelo de feminilidade exigido para as mulheres, por ser uma mulher divorciada, ou por ser, novamente, uma liderança com poucos traços do que se espera de uma mulher feminina em qualquer espaço; a presidenta parece não acionar comumente traços de comportamento que apelem para a docilidade, a gentileza e a constante disponibilidade em agradar e servir, ou é duramente chamada de “mulher macho” ou “masculina”, não por se assemelhar com indivíduos da classe masculina e a forma como eles pensam e agem social e politicamente, mas, sim, por ousar não se enquadrar no que a feminilidade exige de indivíduos femininos.

Outro acontecimento marcante de prática de misoginia dirigida a Presidenta Dilma Rousseff se deu no dia 8 de março de 2015, Dia Internacional da Mulher. A Presidenta, em cadeia nacional de rádio e televisão, discursa para os brasileiros e para as mulheres em seu dia, e recebe concomitantemente um “paneleço”, ocorrido em várias cidades brasileiras. Posteriormente, observou-se que tal “paneleço” acontecera preferencialmente em áreas nobres das cidades como uma forma de retaliação da Presidenta, acompanhado de uma série de expressões de ressentimento guardado desde a época da campanha eleitoral, como já salientado páginas atrás.

Não obstante, o que nos chamou atenção não foi o “paneleço” em si, costume já existente, por exemplo, no país vizinho, Argentina, onde a população costuma ir às ruas para realizar “paneleços” reivindicando diversas melhorias em seu país, mas os adjetivos utilizados para agredir a Presidenta, tais como “vaca”, “vagabunda”, “sapatão”. Tais demonstrações de ódio geraram, entre tantas outras coisas, uma profunda exibição de ressentimento por parte daqueles que absolutamente parecem não se conformar com o fato de que Dilma venceu pelo voto, de maneira livre e democrática. Além de tudo, como assevera o blogueiro Leonardo Sakamoto (08/03/2015),

é preciso muita coragem para gritar a plenos pulmões que alguém é “vaca” da janela do apartamento, com todos os vizinhos e os transeuntes na rua olhando. Coragem ou a certeza de que nada vai acontecer. Porque talvez a pessoa saiba que vivemos em uma sociedade misógina, que premia esse tipo de comportamento. Uma sociedade que é incapaz de fazer críticas ou demonstrar insatisfação e indignação sem apelar para questões de gênero. Chamar de “vaca” não é fazer uma análise da honestidade e competência de alguém que ocupa um cargo público e sim uma forma machista de depreciar uma mulher simplesmente por ser mulher. De colocá-la no seu “devido lugar”, que é fora da política institucional.

A violência simbólica por trás do uso do termo “vaca”, como explicitado acima, não é nada mais nada menos do que um desejo e intenção expressos de desconstrução do “outro”, de desqualificar o seu lugar social, considerado indevido, como um não lugar. Como não sendo o ambiente da política, particularmente o da presidência do Brasil, o lugar adequado para a mulher, porque ela nada mais é que uma vaca.

Quaisquer xingamentos à Dilma diminuem ou reduzem a condição da Presidenta pelo fato de ela ter nascido mulher, este é que é o problema, e não o “panelaço” em si. No entanto, a própria escolha de uma panela para protestar contra a Presidenta nos parece algo bastante emblemático.

Por que utilizar justamente uma *panela* para protestar contra a primeira presidenta mulher eleita em nosso País? Certamente há objetos muito mais eficazes para se fazer barulho, então qual a razão da escolha das panelas? Cogitar de coincidência parece pouco verossímil, sobretudo em se tratando de uma sociedade notadamente misógina e patriarcal como é o caso da nossa. A intenção por trás do objeto escolhido é, sem dúvida, construir esta óbvia alegoria machista que visa introjetar subliminarmente a mensagem de que o lugar de Dilma é na cozinha, e não no Palácio do Planalto (ALVES, 26/10/2014).

Nestes termos, então, tanto o objeto panela quanto os adjetivos vaca e vagabunda são a expressão de uma prática violentamente misógina e igualmente de ódio e de ressentimento dirigidos à Presidenta. Destruí-la, desconstruí-la como mulher e como estadista parece ser a condição para aplinar o ressentimento e o ódio por ela ter sido eleita.

Como se não bastassem todas as práticas de misoginia dirigidas a Dilma Rousseff, circulou pelas redes sociais imagens de montagens feitas com o rosto da Presidenta em que ela aparece de pernas abertas. Tais adesivos, segundo a montagem realizada, foram colados na entrada do tanque de gasolina dos carros que, quando abastecidos, passam a ideia de que a bomba de gasolina penetra sexualmente a Presidenta. Tais adesivos foram colocados à venda no *site* de compras Mercado Livre, mas, diante do repúdio dos internautas, foram, no mesmo dia, retirados do ar<sup>12</sup>.

A aposta no escárnio, no deboche e na violência contra a mulher, expondo a Presidenta Dilma a esse verdadeiro vexame, a uma situação de extrema misogina, parece ter um fim bastante estratégico, do ponto de vista do senso comum e dos setores mais conservadores da sociedade brasileira: desconstruir o feminino, porque ele é uma força que põe em perigo e pode desestabilizar a dominação masculina e a ordem do patriarcado presente em nossa cultura, na sociedade e na política.

Enfim, acreditamos ser necessário, por último, novamente enfatizar que o “ser mulher” ou “ser homem” são categorias socialmente construídas, baseadas em tipos ideais em relação às expectativas culturais do que se entende por feminino e masculino. Dito isso, acreditamos que as construções sociais vivenciadas por meio das relações de gênero são utilizadas como ferramentas dentro do universo político de construção e desconstrução das imagens públicas (GOMES, 2004).

---

12 A esse respeito, ver “Nota de Repúdio” publicada no Portal do Partido dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul, disponível em: <<http://portal.ptrs.org.br/2015/07/nota-de-repudio-movimento-de-mulheres-repudia-adesivos-com-mensagem-sexista-e-uso-da-imagem-da-presidenta/>>. Acesso em: 2 set. 2015.

A utilização de valores, ideias e comportamentos baseados nas relações de gênero mostra-se uma excelente ferramenta para ganhar votos e ainda legitimar discursos. Porém, é preciso atentar para o fato de que o discurso sexualizado é construído e vivenciado de formas diferentes por candidatos e candidatas. É necessário realçar que a política, na cultura Ocidental, assim como vários outros espaços sociais, é um lugar dominado majoritariamente pelo gênero masculino e por toda a simbologia que envolve o “ser” homem dentro desses espaços de poder. Sobre esta querela, Bourdieu (1998) oferece uma análise sobre a sociedade pautada na dicotomia masculino/feminino.

Ao dissertar sobre a dominação masculina como categoria sociológica, o autor afirma que esse tipo de dominação, caracterizada pela violência simbólica, consegue penetrar profundamente na sociedade, a ponto de ser aceita também pelo grupo dominado. Isso acontece porque as relações desiguais estariam naturalizadas pelos indivíduos, tanto pelos que dominam, quanto pelos que são dominados:

O corpo biológico socialmente modelado é um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais (BOURDIEU, 1998, p. 30).

De forma resumida, poderíamos dizer que a biologia e o corpo significam espaços onde a relação de desigualdade entre os sexos é de alguma forma naturalizada, garantindo, assim, a manutenção do poder e da violência por parte dos homens. A ideia do autor é de que nossa relação com o próprio corpo está carregada de preceitos ou preconceitos ditados por uma maneira de pensar baseada na dominação. As diferenças biológicas são utilizadas para manter a mulher no lugar de subordinação. À mulher cabe a feminilidade, e com isso a negação de qualquer tipo de virilidade ou força. Para manter a mulher como o sexo inferior, é preciso diariamente reforçar a ideia de que o sexo feminino é frágil, sensível, desprovido de força física ou simbólica.

Ao trazermos essas categorias para o debate aqui proposto, verificamos que no espaço político predomina a dominação masculina por meio da violência simbólica. Apesar da inserção da mulher no contexto político já se configurar como um fato, a sua participação ainda não foi consolidada. A instituição da mulher como sujeito político depende, dentre vários outros aspectos, da exclusão dessa dominação que se perpetua através da violência simbólica que subordina as mulheres e transfere o poder, e tudo que é relacionado a ele, ao mundo masculino.

### **Considerações Finais**

Quando Dilma Rousseff disputou pela primeira vez as eleições para presidente no ano de 2010, teve que lidar com inúmeros desafios, o maior deles, talvez, o machismo. Sua imagem, como vimos, foi atacada de diversas formas. Questionaram

sua sexualidade, sua vida íntima, sua racionalidade. Na disputa de 2014 não foi diferente, apesar de estar no cargo já há quatro anos, Dilma sofreu os mesmos ataques da eleição anterior, com o diferencial do uso exagerado das mídias sociais para atingir sua imagem.

Como foi observado nesse artigo, a construção e desconstrução da imagem dos candidatos durante o processo eleitoral faz parte do espetáculo político. O candidato ou candidata deve se apresentar e encenar, a fim de convencer o público, ou seja, os eleitores. Toda a imagem do postulante passada através dos veículos de informação tem o objetivo de orientar a escolha do eleitor. No ciberespaço, essas informações tomam uma dimensão completamente diferente da que pode ser percebida na televisão, pois o ele permite a interação dos atores políticos envolvidos.

Se, por um lado, essa interação facilita na construção das imagens que os políticos pretendem passar para seu eleitorado, por outro, a interação maximiza os efeitos da desconstrução dessas imagens. No caso de candidaturas femininas, o processo de desconstrução ou retirada de legitimidade política, que é a base da representação, é quase sempre feita sob a lógica machista imperante na sociedade. As desconstruções que os políticos sofrem durante o processo eleitoral passam pelo recorte de gênero. As mulheres que se atrevem a adentrar no mundo público têm como desafio enfrentar a dura realidade machista. Durante toda a campanha de 2014 podemos ver com clareza a forma hostil com que muitos eleitores se dirigiam às candidatas nas principais redes sociais em uso no Brasil. Xingamentos, ofensas à sua imagem e ao seu corpo foram destilados nos mais diversos perfis virtuais.

Durante os debates, igualmente, ficou patente a maneira machista com que os candidatos homens tratavam as suas concorrentes. Dilma e Luciana foram chamadas de levianas por Aécio Neves (PSDB). Essa postura foi denunciada em diversos manifestos nas redes sociais. No *Twitter*, *Facebok* e outras redes, os eleitores chamavam atenção para a forma grosseira como Aécio tratou as candidatas presentes nos debates – tendo chegado a levantar o dedo para as concorrentes algumas vezes. Em um episódio, chegou a ser repreendido, em rede nacional, pela candidata Luciana Genro (PSOL). Esse fato movimentou as redes sociais e gerou uma comoção de apoio às candidaturas femininas, como protesto ao machismo.

Como vimos ao longo do artigo, não é fácil ser do gênero feminino em uma sociedade marcada pela dominação masculina, mais difícil ainda, parece ser a disputa por espaços de poder político. Tal ambiente, marcado em sua maioria pelo gênero masculino, não vê com “bons olhos” a convivência, o diálogo e o trabalho em comum com o outro gênero.

Pela primeira vez assistimos a ascensão de uma mulher ao mais alto cargo do Brasil, a Presidência da República, e por ironia, estamos assistindo, igualmente a sua queda, uma vez que ao governar o país por cinco anos e quatro meses, a presidenta encontra-se afastada por 180 dias de seu mandato para responder a um processo de *impeachment*, com fortes indícios de que não conseguirá retomar o seu posto.

Assim, como uma última reflexão, perguntamo-nos, e ao mesmo tempo deixamos para análises posteriores, se uma das causas que motivaram as práticas de misoginia e de desrespeito à mulher Dilma Rousseff, e que eclodiu no seu afastamento, não se deve a sua identidade de gênero. Será que se o presidente fosse

um homem teria ele recebido os mesmos ataques dirigidos a Dilma, tal como apresentamos nesse artigo? Cremos que não. E diríamos mais: a presidenta Dilma incomoda porque, por ser mulher, ela abala a ordem estabelecida baseada na dominação masculina. Os discursos de misoginia dirigidos a ela, como alguns dos que reproduzimos nesse texto, intencionam abalar o feminismo, personificado na primeira mulher eleita Presidenta do Brasil.

Dilma Rousseff, por sua representação de primeira mulher eleita Presidenta do Brasil e por sua biografia pessoal e pública, bem poderia ser o ícone, o arquétipo de uma nova sociedade; talvez por isso ela incomode tanto, porque desestabiliza, conflitua, põe em xeque a ordem estabelecida. Por isso ela seria uma “vaca”, uma “vadia”, isto é, um “bode expiatório” para aqueles e aquelas que pretendem conservar o que aí esta, a ordem de sempre que enquadra e classifica, violentamente, os lugares do ser homem e do ser mulher.

## Referências

- ALVES, Luzia. Mulheres na política e a misoginia. **Política e Crônicas** [blog], 26/10/2014. Disponível em: <<http://politicaecronicas.blogspot.com.br/2014/10/mulheres-na-politica-e-misoginia.html>>. Acesso em:
- BARBOSA, Claudia de Faria. Presença feminina na política: cidadania e os espaços “público e privado”. In: XIV SIMPÓSIO BAIANO DE PESQUISADORAS(ES) SOBRE MULHERES E RELAÇÕES DE GÊNERO, XIV., 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/anais/anaispoliticaefeminismo.pdf>>.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **Chuva de Papéis**: ritos e símbolos de Campanhas Eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro: Relumê Dumará; Núcleo de Antropologia Política, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRASIL 247. **Dilma diz que críticas a ela têm “preconceito sexual”**, 26/06/2015. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/poder/186526/Dilma-diz-que-cr%C3%ADticas-a-ela-t%C3%AAm-%E2%80%9Cpreconceito-sexual%E2%80%9D.htm>>. Acesso em: 27 jun. 2015.
- COELHO, Leila Machado; BAPTISTA, Marisa. A história da inserção política da mulher no Brasil: Uma trajetória do espaço privado ao público. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 85-99, jun. 2009.
- CONNELL, Raewyn. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: Versos, 2015.
- CORREIO BRAZILIENSE. **Em entrevista ao Correio, Dilma Rousseff afirma que vai vencer o câncer**, Brasília, 10/5/2009. Disponível em: <[http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2009/05/10/internas\\_polbraeco,106980/em-entrevista-ao-correio-dilma-rousseff-afirma-que-vai-vencer-o-cancer.shtml](http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2009/05/10/internas_polbraeco,106980/em-entrevista-ao-correio-dilma-rousseff-afirma-que-vai-vencer-o-cancer.shtml)>. Acesso em: 2 set. 2015.
- DUVIVIER, Gregório. **Folha de S. Paulo** [online], São Paulo, 06/01/2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriouduvier/2014/01/1393513-xingamento.shtml>>. Acesso em: 28 maio 2015.
- FERNANDES, Talita. Dilma, agora, se faz de vítima: ‘É impossível escutar agressões e não responder’. **Veja** [online], São Paulo, 19/10/2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/dilma-agora-se-faz-de-vitima-e-impossivel-escutar-agressoes-e-nao-responder>>. Acesso em: 28 maio 2015.
- OFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

- GOMES, Wilson da Silva. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.
- JOHNSON, Allan G. Misogyny. In: **Blackwell Dictionary of Sociology: a User's guide to sociological language**. Oxford: Blackwell Publishing, 2000.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MAUSS, Marcel. **Antropologia**. Org. Roberto Cardoso de Oliveira. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 11)
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Caleidoscópio Convexo: mulheres, política e mídia**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.
- WEBER, Maria Helena; ABREU, Carmem Regina. Debate político-eleitoral na televisão: jogo de cena e dispositivo estratégico. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia (org.). **Mídia, representação e democracia**. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 162-194.
- PINHEIRO, Luana Simões. **Vozes Femininas na Política: uma análise sobre mulheres parlamentares no pós-constituente**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2007.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Uma mulher “recatada”: a deputada Suely de Oliveira (1950-1974). **Topoi**, Rio de Janeiro, v.15, n. 29, p. 565-587, jul./dez. 2014.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero e patriarcado: a necessidade da violência. In: CASTILLO, Martín Márcia; OLIVEIRA, Suely de (org.). **Marcadas a ferro: violência contra a mulher. Uma visão multidisciplinar**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as mulheres, 2005. p. 35-76.
- SAKAMOTO, Leonardo. **É preciso “coragem” para chamar uma mulher de “vaca” da janela do prédio**. **Blog do Sakamoto**, 08/03/2015. Disponível em: <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/03/08/e-preciso-coragem-para-chamar-uma-mulher-de-vaca-da-janela-do-predio/>>. Acesso em: 8 mar. 2015.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jun./dez. 1995.

Recebido em 16/04/2016

Aceito em 14/07/2016